

LIXEIROS DA CIDADE DE MAPUTO

Por João Carlos Colaço

O trabalho de João Colaço versa uma família sub-proletária (ainda que os seus componentes tenham origem diversa, eles são, porém, subsumidos na unanimidade da vida que levam tendo o lixo como epicentro) carregada de sentido negativo: os recolhedores de lixo, os *lixeiros*. Basta ter em conta a multiplicidade de qualificativos usados pelos vizinhos da lixeira do Hulene para os designar e desqualificar: vadios, *moluenes*, malucos, bandidos, ladrões, etc.

Por outras palavras, esses vizinhos, como muitos de nós, afinal, circunscrevem os lixeiros à órbita do hostil, do anormal, do que não está na regra, do que é regressivo, caótico.

Como escreveu Canguilhem, o normal não é um conceito estático ou pacífico, mas dinâmico e polémico¹. Na verdade, ele pertence à história, ao reajustamento social e ao imaginário: à história, porque entronca em todos os processos de normalização dos meios técnicos de educação, da saúde, dos transportes e das mercadorias consolidados no século XIX², processos esses que moldam, também, o nascimento e o perfil das ciências sociais⁶⁸; ao reajustamento social, porque, uma vez a norma e o normal assumidos como reguladores naturais da história, os quadros classificatórios são chamados a unificar o diverso, a bloquear a diferença e a regular o diferendo perceptivo; finalmente ao imaginário, que é o imaginário burguês, porque à lógica identitária que define e classifica a normalidade, se agrega a produção simbólica de tudo aquilo que no Outro é havido como infracção.

Do normal (de *normalis*, de *norma*, regra)³ às famílias semânticas de conceitos carregados de sinal negativo e de subversão (anormalidade, mestiçagem, doença, loucura, preguiça, atraso, africano⁴, etc.) a distância não é grande e, historicamente, nunca o foi.

Os lixeiros são, assim, uma família sociológica duplamente excluída: seja dos benefícios da ordem social vigente em Moçambique, seja do direito à normalidade que outros, os "empreiteiros da moral" como escreveu Becker⁵, em seu lugar definiram.

Esta é a primeira vez que, em Moçambique, uma pesquisa se centra na vida desses homens, dessas mulheres e desses jovens deserdados. Eles vivem com o e no meio daquilo que outros abandonam ou deitam fora. Quase todos os estigmatizam. Mas eles têm honra e moral e, especialmente, sonham, como qualquer um de nós, em viver melhor um dia, em integrem-se no espaço da normalidade por nós definida.

- Carlos Serra

1. Introdução

*“Nós estamos a aprender uma nova arte em Moçambique...”
(Juliasse, 35 anos - lixeiro)*

A "Oficina de Formação" do Centro de Estudos Africanos, dirigida por Teresa Cruz e Silva e Carlos Serra, tem vindo a trabalhar desde 1998 com estudantes e recém-graduados da Universidade Eduardo Mondlane, estimulando-os à pesquisa em Ciências Sociais. Neste âmbito e na equipa dirigida por Carlos Serra, alguns trabalhos foram já produzidos e publicados em "Estudos Moçambicanos", designadamente sobre *chapas*⁶ e *barracas*⁷. É agora a vez de apresentarmos os resultados de uma pesquisa sobre uma categoria de actores excluídos dos benefícios da ordem social vigente em Moçambique, designadamente os *lixeiros* do Hulene e da Avenida Friedrich Engels na cidade de Maputo, pesquisa que foi efectuada em 1999.

2. Enquadramento

Fazer da recolha de lixo uma actividade permanente de vida não é uma tradição em Moçambique.

Os lixeiros, excluídos da ordem social vigente em Moçambique e dos benefícios do bem-estar são, pelo contrário, um produto histórico, epocalmente situável.

A exclusão social reenvia para os actores e grupos sociais privados das regalias materiais e psicológicas do *centro* de bem-estar.

Esse centro é, também, portador do direito institucional de fixar as representações sociais convenientes e os padrões de “normalidade”.

Na verdade, a exclusão social física é acompanhada por uma homologação representacional do seu estatuto por parte do *centro*, com o recurso, implícito ou explícito, a apodos como “anormal”, “incompleto”, “diferente”, “incapaz”, “bandido”, “informal”, etc.

Os actores sociais excluídos dos benefícios de uma dada ordem social são remetidos para as *periferias* do centro de bem-estar, aí tentando sobreviver através de um papel ambivalente: por um lado criticando os produtores e a ordem social que os segregou, por outro aceitando e naturalizando o seu estatuto de excluídos.

Uma periferia não remete necessariamente para distância: a periferia dos lixeiros da Avenida Friedrich Engels não é menos periferia do que a dos lixeiros de Hulene na cidade de Maputo.

O mundo *underground* aqui em causa é complexo.

Por exemplo, os lixeiros não só consomem restos de comida, como usam a roupa usada que encontram e estabelecem redes de pequeno comércio vendendo plásticos, garrafas de cerveja, refrigerante e água mineral, etc.

Ao mesmo tempo que excluídos, os lixeiros reconvertem os seus anteriores papéis e matrizes sociais, criando novos e compósitos tipos identitários. Já não é em função de laços familiares, étnicos ou regionais que muitos se identificam, mas em função da sua condição social de lixeiros.

A exclusão social não é um dado natural: ela é, ao mesmo tempo, uma realidade tangível e um conflito de definições.

O lixo é, assim, um repositório de fenómenos sociais compósitos⁸.

Tentámos compreender por que razão se recolhe lixo na cidade de Maputo e quais as representações sociais dos seus autores. O nosso trabalho procura mostrar como é que os lixeiros, enquanto grupo social excluído, se constróem identitariamente através dos seus mecanismos de reprodução sócio-económica e dos seus espaços simbólicos e relacionais de sobrevivência. Por outro lado, quisemos mostrar a visão que os lixeiros têm da sociedade na qual vivem e do seu futuro.

Entre os lixeiros figuram os chamados “meninos da rua”.

3. Método e técnicas

A pesquisa seguiu quatro grandes eixos metodológicos:

1. Observação directa (com registo em *diário de campo*);
2. Com base em seis variáveis (sexo, idade, origem, escolaridade, rendimentos e acesso a meios de informação), dois questionários administrados com amostragem não-probabilística às seguintes categorias de actores aleatoriamente escolhidos: 10 lixeiros, 10 vizinhos da lixeira de Hulene, 10 guardas da Avenida Friedrich Engels e 10 estudantes universitários (de diferentes faculdades do *campus* universitário da Universidade Eduardo Mondlane);
3. Entrevistas (histórias de vida de 5 lixeiros aleatoriamente escolhidos);
4. Análise da imprensa escrita.

Um dos questionários foi administrado só aos lixeiros de Hulene e Avenida Friedrich Engels.

Eis o modelo:

Recolhedores de lixo

Questionário

- | | | | |
|--------------------|-------|--|-------|
| 1. Sexo | | 4. Escolaridade | |
| Masculino | ()01 | Nunca fui à escola | ()18 |
| Feminino | ()02 | Primário incompleto | ()19 |
| | | Primário completo | ()20 |
| 2. Idade | | Secundário incompleto | ()21 |
| De 18 a 30 anos | ()03 | Secundário completo | ()22 |
| De 31 a 40 anos | ()04 | Universitário incompleto | ()23 |
| De 41 a 50 anos | ()05 | Universitário completo | ()24 |
| De 51 em diante | ()06 | | |
| 3. Origem | | 5. Rendimentos | |
| Niassa | ()07 | Menos de 230.000,00MT/mês | ()25 |
| C. Delgado | ()08 | Entre 230.000,00 e 500.000.00/mês | ()26 |
| Nampula | ()09 | Acima de um milhão/mês | ()27 |
| Zambézia | ()10 | | |
| Tete | ()11 | 6. Acesso a meios de informação | |
| Manica | ()12 | Ouve rádio | ()28 |
| Sofala | ()13 | Lê jornais | ()29 |
| Gaza | ()14 | Lê revistas | ()30 |
| Inhambane | ()15 | Lê livros | ()31 |
| Maputo - província | ()16 | Vê televisão | ()32 |
| Maputo - cidade | ()17 | | |

Nome (opcional)	Língua: Nº do Questionário:			
Local de inquérito:	Nome do inqueridor:			
I - PERCEPÇÕES SOBRE VIVER DO LIXO (assinale a sua opinião com xis nos rectângulos a seguir)	Concordo	Discordo	Tenho dúvidas	Não sei
01. Apanhar lixo é a mesma coisa que trabalhar numa fábrica				
02. As coisas que se apanham no lixo permitem-nos viver				
03. Só se apanha lixo quando não há outro emprego				
04. Os que não apanham lixo têm sorte				
05. Os recolhedores de lixo têm muitos amigos que também apanham lixo				
06. Existe uma unidade entre os recolhedores de lixo				
07. Os recolhedores de lixo esperam um dia arranjar outro emprego				
08. Os recolhedores de lixo costumam frequentar os dumba-nengues e as barracas				
II - PERCEPÇÕES SOBRE CASUALIDADE E DETERMINISMO				
09. Os espíritos comandam a nossa vida				
10. Os seres humanos não podem mudar a vida				
11. Não vale apenas lutar: cada um tem o lugar que merece				
12. Mesmo que se lute sempre se perde				
13. Deus comanda a nossa vida				
14. Mesmo que vote nas próximas eleições a minha vida não vai mudar				

O segundo foi administrado a guardas particulares, trabalhadores do Conselho Municipal, vizinhos da Lixeira do Hulene e estudantes universitários.

Eis o modelo:

Guardas particulares, trabalhadores do Conselho Municipal, vizinhos da Lixeira do Hulene e estudantes universitários

Questionário

- | | | | |
|--------------------|-------|--|-------|
| 1. Sexo | | 4. Escolaridade | |
| Masculino | ()01 | Nunca fui à escola | ()18 |
| Feminino | ()02 | Primário incompleto | ()19 |
| | | Primário completo | ()20 |
| 2. Idade | | Secundário incompleto | ()21 |
| De 18 a 30 anos | ()03 | Secundário completo | ()22 |
| De 31 a 40 anos | ()04 | Universitário incompleto | ()23 |
| De 41 a 50 anos | ()05 | Universitário completo | ()24 |
| De 51 em diante | ()06 | | |
| 3. Origem | | 5. Rendimentos | |
| Niassa | ()07 | Menos de 230.000,00MT/mês | ()25 |
| C. Delgado | ()08 | Entre 230.000,00 e 500.000.00/mês | ()26 |
| Nampula | ()09 | Acima de um milhão/mês | ()27 |
| Zambézia | ()10 | | |
| Tete | ()11 | 6. Acesso a meios de informação | |
| Manica | ()12 | Ouve rádio | ()28 |
| Sofala | ()13 | Lê jornais | ()29 |
| Gaza | ()14 | Lê revistas | ()30 |
| Inhambane | ()15 | Lê livros | ()31 |
| Maputo - província | ()16 | Vê televisão | ()32 |
| Maputo - cidade | ()17 | | |

Nome (opcional)	Língua: Nº do Questionário:			
Local de inquérito:	Nome do inqueridor:			
I - PERCEPÇÕES SOBRE VIVER DO LIXO (assinale a sua opinião com xis nos rectângulos a seguir)	Concordo	Discordo	Tenho dúvidas	Não sei
01. Quem vive no lixo é porque não quer ter uma vida melhor				
02. São os recolhedores de lixo que são culpados da sua situação				
03. É a sociedade que é culpada dessa situação				
II - PERCEPÇÕES SOBRE CASUALIDADE E DETERMINISMO				
04. Os espíritos comandam a nossa vida				
05. Os seres humanos não podem mudar a vida				
06. Não vale apenas lutar: cada um tem o lugar que merece				
07. Mesmo que se lute sempre se perde				
08. Deus comanda a nossa vida				
09. Mesmo que vote nas próximas eleições a minha vida não vai mudar				

Pela natureza da maioria das categorias de actores, foi difícil conseguir-se um equilíbrio nas seis variáveis de estudo nomeadamente sexo, idade, origem, escolaridade, rendimentos e acesso a meios de comunicação⁹.

Esta pesquisa foi realizada durante dois meses em 1999. Trabalhámos às sextas-feiras, sábados e domingos, entre as 7 e as 11 horas, período no qual se registava maior concentração de lixeiros, especialmente no Hulene, dado que os carros da Câmara Municipal aí depositam o lixo ao fim da noite e às primeiras horas da manhã.

A equipa foi constituída por João Carlos Colaço, Elsa Botão, Helena Monteiro e Victor Matsinhe.

4. Para uma definição de lixo

Podemos entender por lixo o conjunto de objectos que deixou de ter utilidade e do qual nos desfazemos: caixas (para guardar livros, por exemplo), papéis de todo o tipo, cadeiras, electrodomésticos avariados, bijuteria sem uso, peças de vestuário, restos de alimentos, etc.

Os lixeiros recolhem tudo o que, aí, lhes é útil, tudo o que podem socializar, usar e vender. Assim fazendo, reinventam a utilidade e reinserem-na na sua reprodução social enquanto seres humanos.

Uma lixeira é, assim, uma forma de sobrevivência para centenas de pessoas, vítimas de múltiplas situações de exclusão social.

Temos aqui em vista os actores sociais que habitam em bairros pobres e precários, que não vivem do trabalho remunerado e que procuram satisfazer as suas necessidades através de rendimentos que têm como base o sector informal,

sector este fundamental para muitos extractos populacionais da cidade de Maputo.

O lixo de uns é a fonte de sobrevivência de outros, daqueles que, como escreve Carlos Serra na sua introdução, pertencem ao mundo problemático.

5. Resultados da pesquisa

5.1. Observação: lixeira do Hulene

Um pouco por todo lado, nos principais centros urbanos de Moçambique, aumentam, como em muitos outros países do terceiro mundo, os cinturões de pobreza.

O bairro peri-urbano do Hulene, na cidade de Maputo, um dos eixos do nosso trabalho, é um exemplo disso, com o seu crescimento desordenado e a ausência de um sistema de saneamento. As casas são geralmente construídas com estacas, caniço e chapas de zinco, na maior parte dos casos sem pintura e sem integração em arruamentos.

Quando a lixeira foi instalada, ainda no período colonial, Hulene não era necessariamente um bairro residencial. A lixeira, vulgarmente conhecida por “bocaria”, localiza-se no bairro de Hulene B, Distrito Urbano n.º 4, a cerca de 20 minutos do centro da cidade para quem usa o *chapa* como meio de transporte.

A lixeira, que cobre uma vasta superfície, faz fronteira com o prolongamento da Avenida Julius Nyerere e com o bairro de Laulane. Ao lado da entrada principal existe uma serração, acompanhada de algumas residências que praticamente cercam, com os eucaliptos, o resto da lixeira.

À beira da avenida há uma montanha de terra e lixo destinada a contrariar a entrada de objectos provenientes da lixeira.

Um corredor que divide a lixeira em duas partes.

O corredor dá acesso à residência dos guardas da Câmara Municipal e às casas vizinhas e é utilizado pelos moradores do bairro, incluindo os de Laulane, como caminho, especialmente quando vão buscar água ao fontanário existente no bairro de Hulene.

A primeira impressão que se tem da lixeira é a de um terreno plano. Mas quando lá penetramos, verificamos que há grandes amontoados de lixo e terra, e uma ladeira com aproximadamente 20 metros de altura, na zona mais alta. O vento, a fumaça e a poeira são também uma constante no local. O lixo é queimado a céu aberto.

A 50 metros da entrada, no início do corredor citado, existe um monte de sucata constituído especialmente por carroçarias.

Para quem entra na lixeira, vindo da terminal dos chapas do “Expresso”, existe uma casa em ruínas, que outrora albergou trabalhadores do então Conselho Executivo (Salubridade). Hoje, porém, o lugar é uma espécie de posto médico improvisado onde, às sextas-feiras, algumas entidades não-governamentais prestam os primeiros socorros aos *lixeiros* e aos moradores. Aqui vivem alguns jovens. Situar-se à entrada da lixeira é uma estratégia pois os jovens têm, assim, acesso rápido ao “melhor” lixo, podem fazer negócio, abordar quem passa, assaltar ou traficar, etc.

5.2. Avenida Friedrich Engels

Um segundo eixo do nosso trabalho foi a Avenida Friedrich Engels. Situada no bairro da Polana, com cerca de 500 metros de comprimento, possui vivendas luxuosas, muitas das quais electrificadas e defendidas por guardas privados, guardas com quem falámos.

O *habitat* é bem diferente do de Hulene. Aqui a miséria, lá o luxo.

Existem na avenida cerca de 10 recipientes de lixo, o qual é evacuado três vezes ao dia pelos carros da Câmara Municipal.

Na parte terminal da avenida está o “Jardim do Paraíso” ou “Jardim dos Namorados”. Outrora cuidado e bastante frequentado, está hoje literalmente abandonado e sujo, cheio de lixo. Lá existem compartimentos subterrâneos vulgarmente conhecidos por *mugorodos*, universo dos *meninos da rua*. Os *mugorodos* (também chamados *Tchechenia* pelos meninos), são casas que o Estado aparentemente abandonou. Lá vivem, também, entre outro tipo de indivíduos, soldados desmobilizados de guerra. Aí dormem, cozinham, comem, lavam a roupa, tomam banho, urinam e defecam. Diariamente vão aos contentores, onde recolhem restos de comida, garrafas, latas, plásticos e outros objectos. Os restos de alimentos (carnes, frutas e legumes, basicamente) e as garrafas vazias são especialmente visados.

5.3. Encontro com os actores

Curiosidade (*Quem somos nós? O que queremos?*), medo (*Somos funcionários do Estado, jornalistas?*), desconfiança (*O que faremos com os seus depoimentos?*) e, também, esperança (*vencida a desconfiança inicial, fizeram-nos apelos por julgarem que podíamos resolver os seus problemas ou sermos uma espécie de elo de ligação entre eles e as instituições do Estado ou, ainda, uma instância de reequilíbrio social*), foram as reacções dos actores da nossa pesquisa quando os procurámos.

Os lixeiros pediram-nos emprego e dinheiro. Ao falarem de trabalho, tinham em conta o emprego remunerado e socialmente reconhecido¹⁰.

Mas também procuraram “limpar” a sua identidade social marginalizada e estigmatizada, ensaiando mostrar que eram tão normais quanto nós, que eram trabalhadores honestos, chefes de família, etc.

5.4. Objectos apanhados pelos recolhedores

São diversos os objectos recolhidos na lixeira: metais (alumínio e ferro), latas, garrafas de diversos tipos e proveniências, esponja, papéis, papelão, medicamentos, chapas de radiografias, produtos alimentares, etc.

Dos objectos recolhidos, uns são vendidos nos mercados da cidade de Maputo, outros às empresas especializadas em reciclagem de papéis e metais, outros, ainda, são usados na auto-produção de bens para o consumo doméstico.

As receitas obtidas visam cobrir necessidades pessoais e familiares como alimentação, vestuário e materiais de uso doméstico.

Os trabalhadores do Conselho Municipal são, à semelhança dos lixeiros, membros activos das relações comerciais e sociais praticadas na lixeira. Os guardas da lixeira do Hulene, por exemplo, quer recolhem latas de cerveja e papelão para serem vendidos a empresas, quer criam porcos para serem vendidos à população local e dos bairros vizinhos.

5.5. Algumas razões para se depender do lixo

Nos bairros urbanos pobres, a actividade informal é um mecanismo de sobrevivência. Nesta perspectiva, se intensifica o uso da lixeira como uma actividade geradora de rendimentos.

Pobreza, encargos sociais, falta de dinheiro e desemprego, são as principais razões que levam centenas de pessoas a viverem do lixo.

Pobreza e falta de dinheiro: *“Hum (...), mas agora nós aqui estamos a fazer isto, porque também é a pobreza. Estou perdido se não apanho mil ou dois contos, não vou ver nada, não vou almoçar. Tenho que vir ficar aqui (...), tenho filhos, mulher...”* (Juliasse, 35 anos);

Encargos sociais¹¹: *“Muito sofrimento. Me tem 6 filhos , não tem pai. Pai deles saiu daqui a muito tempo. Parece que está na África do Sul mas não veio de volta mais. Deixou eu com as crianças, para as crianças é difícil...”*. (Melicinha, 42 anos);

Desemprego: *“Ah!, eu estou aqui há 5 anos, eu trabalhava numa empresa de vestuário na Avenida de Angola. Quando a empresa foi vendida, não tivemos nenhuma indemnização, então, quando chegamos em casa, eu tanto tentei procurar outro trabalho, mas não foi possível (...) e por fim, não há maneira mesmo...”* (Abílio, 42 anos).

Para alguns, o desemprego gera a discriminação dentro da família: *“... um dia [um homem] perdeu o seu emprego, era motorista numa empresa do Estado nessa altura, e como não conseguiu outra saída para levar uma vida digna, ali foi parar, alegando porém que depois de perder o emprego sentiu-se discriminado pela família, que já não podia contar com o seu sustento”* (Domingo, 3/10/1999).

Viver do lixo significa, por um lado, viver com o que é recolhido na lixeira e vendido e, por outro, alimentar-se e vestir-se. É assim que as actividades da lixeira aparecem articuladas aos diferentes mercados formais (comercial e industrial) de Maputo.

5.6. Dia-a-dia dos lixeiros

Os lixeiros distinguem-se imediatamente por *marcadores* identitários: sapatos de pares e marcas diferentes (ainda que muitos andem descalços), camisas e calças velhas, pastas escolares, *sacudus*, chapéus, etc., mundo de objectos heteróclitos recolhidos na própria lixeira.

Muitas pessoas vivem na e da lixeira: homens, mulheres, crianças e jovens. Há muita sujidade, o local exala um cheiro nauseabundo provocado por produtos em adiantado estado de decomposição.

Mas nada disso parece afectar os recolhedores de lixo. Ali a vida é intensa: a esperança renova-se diariamente com a chegada do camião carregado de lixo e de agentes sanitários, as disputas e as rixas são frequentes pelo monopólio do "melhor" lixo, surgem por vezes agressões a pessoas estranhas ao local ou a motoristas quando o lixo não é de "boa qualidade", ouvem-se, constantemente, lamentações devido à vida difícil que ali se leva.

As condições sociais são desumanizadas quando centenas de cidadãos de Maputo, muitos deles cheios de feridas e hematomas, disputam com cães e gatos a satisfação das necessidades básicas num ambiente cheio de ruído, correrias, rixa, poeira e fumo.

As roupas que os recolhedores de lixo vestem são, no geral, escuras. A maior parte das mulheres calça chinelos, usa lenço na cabeça, capulanas, blusas, camisetas, camisas e saias. Elas são mais limpas e recatadas do que os homens. Em relação a estes e, especialmente, aos jovens, agem e comportam-se de maneiras diferentes. Por exemplo, não perseguem um camião que entra na lixeira e não pedem dinheiro aos "visitantes". São reservadas em relação aos homens e não

querem perder tempo com conversas “desnecessárias”. Foi difícil encontrar uma mulher que suspendesse o seu trabalho para nos atender e responder às nossas perguntas. As mulheres de terceira idade apanham lenha e recolhem restos de comida. Das mulheres por nós entrevistadas, apenas uma tinha o trabalho na lixeira como complementar à sua actividade principal, a pesca.

Os homens são normalmente casados, pais com três a quatro filhos. As idades variam entre 32 a 54 anos, os rostos são aparentemente mais tristes, envelhecidos e traumatizados: Um deles desabafou assim: *“Meu filho! Coloca-se no meu lugar. Acha justo um homem como eu andar aqui na lixeira? (...) É a vida que me faz estar na lixeira. Minha mulher abandonou-me. Foi-se juntar a outro homem. Mas não quero alongar mais...”* (Matias Bila).

O consumo de bebidas alcoólicas de fabrico local é corrente entre os homens.

Por outro lado, há muitas crianças na lixeira, entre os nove e os 12 anos, que aí passam a maior parte do tempo. É o caso de Luís (12 anos), que é estudante e recolhedor de lixo. É em companhia de outras crianças que Luís brinca enquanto trabalha. Aqui, a lixeira assume uma dupla função social: por um lado, espaço de cumprimento das obrigações diárias e domésticas¹², onde o imperativo se junta ao agradável; por outro, espaço lúdico que prolonga o bairro, a casa, o quintal ou, até, o parque infantil com brinquedos ali recuperados e reinventados a cada dia.

As conversas são normalmente regradas quando se trabalha a recolher objectos. A mudança de tom verifica-se quando é necessário disputar o “melhor” ou os “melhores” locais de lixo, quando se discutem as dificuldades diárias ou quando se

iniciam ou se terminam as actividades. Nestas circunstâncias o fraseado e o ritmo da linguagem são desprovidos de rodeios e de cautelas e o tom da linguagem alteia-se e acompanha o ritmo das emoções do momento. Tem-se a impressão de que tudo pode, de repente, terminar em pancadaria, ou então, em festa, com a chegada de um camião para descarregar lixo. A chegada do camião de lixo inaugura diariamente o momento da catarse, da esperança.

No conteúdo e no modo de falar percebe-se o lado rude e “grosseiro” da vida de muitos lixeiros, principalmente dos jovens, que aplaudem actos de rebeldia e desprezam as etiquetas. Nas situações de guerrilha verbal é frequente revelar-se a vida íntima dos amigos ou mesmo de pessoas conhecidas.

Cada um sabe o que os outros fazem ou apanham, bem como o destino, a finalidade e o rendimentos dos seus produtos. Tudo é conhecido e partilhado. A vida é, aqui, absolutamente aberta.

A postura agressiva chega ao auge quando é necessário garantir comida para o pequeno-almoço ou para o almoço ou disputar lixos especiais: pão seco ou endurecido, carne fresca ou deteriorada, sobras de comida dos hotéis da cidade, medicamentos, metais, plásticos, papel, esponja, material hospitalar, etc. É normalmente nestas ocasiões que a gritaria e a confusão se instalam na lixeira. Monopolizar o “melhor” lixo torna-se quase uma luta de vida ou de morte. Velhos, jovens, adultos, crianças, homens e mulheres, deficientes e doentes, todos marginalizados, todos lutando, todos unidos na sobrevivência. Luta-se mesmo por uma boleia no camião para se ir à igreja no fim de semana ou, então, pela assistência médica prestada às sextas-feiras. Ganham os mais fortes ou os mais destros.

Por outro lado, os espaços “internos” da violência corrente são ampliados pelos espaços de violência de “fronteira” entre

lixeiros e trabalhadores do Conselho Municipal, os dois grupos competindo pelo monopólio territorial e do “melhor” lixo.

5.7. Questionários

O universo pesquisado foi de 50 pessoas, divididas em 5 categorias de actores. Cada uma das categorias é composta por 10 actores. Dos entrevistados, 37 indivíduos são do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Como se pode perceber, existe um número considerável de homens que, afinal, também reflecte a realidade sociológica de eles constituírem a grande maioria dos lixeiros. Vinte e dois entrevistados têm idades que variam entre 18-30 anos¹³, 15 entre 31-40 anos, 8 entre 41-50 anos e 5 têm acima dos 51 anos.

Em relação às origens, o universo dos inquiridos é essencialmente dominado por indivíduos oriundos do sul de

Tab. 1. Faixas etárias

Idade	Categorias de Actores					Total
	Vizinhos	Trabalhadores camarários	Guardas particulares	Estudantes	Recolhedores lixo	
18-30 anos	4	5	1	6	6	22
31-40 anos	3	2	6	2	2	15
41-50 anos	2	-	2	2	2	8
51 em diante	1	3	1	-	-	5

Moçambique: Maputo, Gaza e Inhambane. Apenas 9 o não são (5 são da Zambézia).

A tabela mostra que o maior número de indivíduos que nunca frequentaram a escola é constituída pelos trabalhadores da Câmara Municipal, seguindo-se-lhes os lixeiros.

Tab. 2. *Origem regional*

Origem	Categorias de Actores					Total
	Vizinhos	Trabalhadores camarários	Guardas particulares	Estudantes	Recolhedores lixo	
Niassa	-	-	-	-	-	-
C. Delgado	-	-	-	-	-	-
Nampula	-	1	-	-	-	1
Zambézia	2	-	1	2	-	5
Tete	1	-	1	-	1	1
Manica	-	-	1	-	-	1
Sofala	2	-	-	-	1	1
Inhambane	2	1	1	2	4	10
Gaza	2	6	4	2	-	14
Maputo- Prov.	1	-	1	1	1	4
Maputo - Cid.	2	2	2	3	4	13

Os níveis de ensino mais frequentes são o primário e o secundário incompletos. Por outro lado, a maioria (quase 75%) disse auferir rendimentos mensais que variam entre 230.000,00

Tab. 3. Níveis de escolaridade

Escolaridade	Categorias de Actores					Total
	Vizinhos	Trabalhadores camarários	Guardas particulares	Estudantes	Recolhedores lixo	
Sem freq. escolar	-	3	-	-	1	4
Primário incompleto	3	2	4	-	5	14
Primário completo	4	3	1	-	1	9
Secundário incompleto	3	1	4	-	3	11
Secundário completo	-	1	1	-	-	2
Universitário completo	-	3	-	10	-	10

e 500.000,00 Mt. Os lixeiros e os estudantes universitários foram os que afirmaram possuir rendimentos mais baixos, embora metade dos estudantes tenha afirmado possuir rendimentos acima de um milhão de meticais.

Em relação aos meios de informação, todas as categorias afirmaram ter acesso a algum meio de informação. Como se

Tab. 4. Rendimentos auferidos mensalmente

Idade	Categorias de Actores					Total
	Vizinhos	Trabalhadores camarários	Guardas particulares	Estudantes	Recolhedores lixo	
-230.000,00 Mt	2	-	-	5	7	14
230-500.000Mt	7	10	8	-	3	29
+1.000.000 Mt	1	-	2	5	-	8

pode perceber, o rádio aparece como o meio mais acessível para os entrevistados e a revista como o menos acessível. Porém, os vizinhos e os lixeiros figuram entre os que menos acesso à informação possuem, ao contrário dos estudantes.

Em resumo, o universo entrevistado é essencialmente masculino, maioritariamente dominado por indivíduos que pos-

Tab. 5 Acesso a meios de informação

Meios de informação	Categorias de Actores					Total
	Vizinhos	Trabalhadores camarários	Guardas particulares	Estudantes	Recolhedores lixo	
Rádio	6	9	10	10	8	43
Jornais	3	4	8	10	4	29
Revistas	2	4	5	10	4	25
Livros	2	4	7	10	4	27
Televisão	5	5	4	9	4	27

suem idades entre os 18 e os 30 anos e com o ensino primário incompleto. Auferem rendimentos que variam entre 230.000,00 e 500.000,00 Mt por mês e, são na sua maioria, originários das províncias do sul de Moçambique. Não existe nenhum indivíduo de sexo feminino na categoria dos guardas; na categorias dos trabalhadores do Conselho Municipal existe apenas um indivíduo do sexo feminino; três indivíduos do sexo feminino encontram-se na categoria dos lixeiros; existem 4 mulheres na categoria de vizinhos¹⁴. Percebe-se um equilíbrio entre sexos na categoria dos estudantes: 5 do sexo feminino e 5 do sexo masculino.

No que concerne aos questionários e preliminarmente, devem-se destacar algumas afirmações que provocaram

reações contrárias àquelas que pretendíamos atingir. No inquérito para lixeiros, percebeu-se uma tensão e uma reação imediatas à afirmação *apanhar lixo é a mesma coisa que trabalhar numa fábrica*, assim como, no inquérito destinado às restantes categorias, à afirmação *Quem vive do lixo é porque não quer ter uma vida melhor*.

No caso específico de outras categorias sociais, verificou-se uma certa dificuldade em compreender o sentido da afirmação *É a sociedade que é culpada dessa situação*, principalmente a palavra “sociedade”, que muitas vezes foi confundida com o Estado e/ou com o Governo.

Em todos os casos, não foram muito bem compreendidas as afirmações *Não vale a pena lutar: cada um tem o lugar que merece*, *Mesmo que se lute sempre se perde* e *Mesmo que vote nas próximas eleições a minha vida não vai mudar*. Nas duas primeiras questões, muitas vezes os inquiridos faziam equivaler a “luta” à guerra civil terminada em 1992. Pareceram não desejar mais guerra. Em relação à terceira, poucos viram uma ligação entre eleições e mudanças.

As afirmações que foram facilmente compreendidas e cujas respostas foram dadas sem hesitação na maior parte dos casos foram as relacionadas com *Deus* e *Espíritos* ou seja, *Os espíritos comandam a nossa vida* e *Deus comanda a nossa vida*.

Em relação aos lixeiros¹⁵, a percepção que têm sobre viver do lixo mostra uma concordância de 70% em relação às questões 2- *As coisas que se apanham no lixo permitem-nos viver*, (3) *Só se apanha lixo quando não há outro emprego*, 4-*Os que não apanham lixo têm sorte*, 7- *Os recolhedores lixo esperam um dia arranjar um outro emprego* e 8- *Os recolhedores lixo costumam frequentar os dumba-nengues e as barracas*;

Há discordância em 80% na questão 1- *Apanhar lixo é a mesma coisa que trabalhar numa fábrica.*

Há dúvidas (20%) nas questões 2- *As coisas que se apanham no lixo permitem-nos viver,* 7- *Os recolhedores lixo esperam um dia arranjar um outro emprego* e 6- *Existe uma unidade entre os recolhedores lixo.*

Nas questões relativas à causalidade e ao determinismo observa-se um maior índice de concordância na questão 13 (90%)- *Deus comanda a nossa vida,* na questão 9 (70%)- *Os espíritos comandam a nossa vida* e na questão 12 (60%) -*Mesmo que se lute sempre se perde.*

Há 70% de discordância na questão 10- *Os seres humanos não podem mudar a vida.*

Há 50% de dúvidas na questão 14- *Mesmo que votemos nas próximas eleições a minha vida não vai mudar.*

Há 20% de abstenções nas questões 11- *Não vale a pena lutar: cada um tem o lugar que merece* e 14- *Mesmo que vote nas próximas eleições a minha vida não vai mudar.*

No tocante a guardas particulares, trabalhadores do Conselho Municipal, vizinhos e estudantes universitários, as respostas em relação às percepções sobre apanhar lixo apresentam o seguinte quadro geral:

- Há mais concordância (em 48%) na questão 3- *É a sociedade que é culpada dessa situação;*
- Há mais discordância (em 73%) na questão 1- *Quem vive do lixo é porque não quer ter uma vida melhor* e (em 68%) na questão 2- *São os recolhedores lixo que são culpados da sua situação;*
- Há mais dúvidas (em 20%) na questão 3- *É a sociedade culpada dessa situação;*

Em relação às percepções sobre causalidade e determinismo, há a assinalar que:

- Há mais concordância (65%) na questão 11- *Deus comanda a nossa vida* e (43%) na questão 7- *Os espíritos comandam a nossa vida* (o quadro segue a tendência de resposta dos lixeiros, sendo, porém, menos acentuado);
- Há mais discordância nas questões 8 (80%)- *Os seres humanos não podem mudar a vida* (65%), 10- *Mesmo que se lute sempre se perde* e (55%) 9- *Não vale a pena lutar: cada um tem o lugar que merece*;
- Há mais dúvidas (30%) na questão 12- *Mesmo que vote nas próximas eleições a minha vida não vai mudar*;
- Há mais abstenções (28%) na questão 12- *Mesmo que vote nas próximas eleições a minha vida não vai mudar*.

Observou-se que a questão 3 foi aquela em relação à qual os inquiridos das quatro categorias manifestaram maiores índices de concordância. Os vizinhos da lixeira foram os que mais concordaram (60%) em que *É a sociedade que é culpada desta situação* (a dos lixeiros), enquanto os guardas particulares e os estudantes universitários foram os que menos concordaram (40%).

Os inquiridos manifestaram maior discordância de opinião nas questões 1 e 2, com maior ênfase para a questão 1. Os estudantes foram os que mais discordaram da questão 1 (90%) e 2 (80%). Já os guardas do Conselho Municipal foram os que menos discordaram da questão 1 (60%) e 2 (50%). Importa referir que os guardas particulares foram também os que

menos discordaram na questão 3 (50%). Mas esta última questão foi a que suscitou mais dúvidas, principalmente por parte dos guardas do Conselho Municipal (em torno dos 30%).

As questões 8 e 4 foram aquelas nas quais se observaram maiores índices de concordância, com níveis mais acentuados para na questão 8. Nas quatro categorias em análise, foram os guardas do Conselho Municipal que manifestaram índices mais elevados de concordância nessas questões (100% e 70%, respectivamente), tendo na questão 8 superado a opinião dos lixeiros.

Ainda ao nível da concordância, os estudantes universitários foram os que menos concordaram (30%) com a questão 8.

As questões 7 e 9 foram as que mereceram maiores índices de discordância por parte dos inquiridos, com maior destaque para os estudantes (100% e 90%, respectivamente). Este grupo, sem surpresa para nós, discordou em 90% em ambas as questões, enquanto que os vizinhos da lixeira foram os que menos discordaram de ambas (60%).

Houve muitas abstenções na questão 9, evidenciando-se aqui os vizinhos da lixeira (50%). A exceção pertenceu aos guardas particulares. De um modo geral, em todas as categorias dos inquiridos (incluindo a de lixeiros) verificou-se existir uma opinião pessimista ou indiferente a esta questão (oscilação entre dúvida e abstenção).

Vejamos, agora, os resultados por variáveis nas quatro categorias de inquiridos (guardas particulares, trabalhadores de Câmara Municipal, vizinhos da lixeira do Hulene e estudantes universitário).

1. Sexo

Nas três primeiras questões do questionário, observou-se que a mulheres concordaram menos do que os homens. Estes últimos

concordaram mais com a questão 3 (57%). Em contrapartida, foi na questão 1 que os índices de discordância se mostraram bastante elevados, tendo as mulheres revelado uma opinião relativamente mais forte do que os homens (80% e 70%, respectivamente).

As mulheres destacaram-se por manifestarem dúvida e pouca disposição em falar

2. Idade

A questão 3 foi a que suscitou mais concordância e mais dúvidas por parte dos inquiridos.

A faixa etária dos 18-30 anos foi a que manifestou mais concordância na questão 3 (63%). Para a mesma questão, o grupo dos 31-40 anos destacou-se pela dúvida (46%). Os inquiridos de mais de 51 anos foram favoráveis à ideia de que *quem vive do lixo é porque não quer ter uma vida melhor*, fazendo uma forte acusação ao tipo de comportamento dos jovens frequentadores (vândalos, segundo eles) do "Jardim do Paraíso".

Foi igualmente a faixa etária dos 18-30 anos que manifestou mais discordância (quase 100%) na questão 2, enquanto que os de 51 anos em diante foram os que menos discordaram (20%).

Entretanto, mais de 90% dos inquiridos da faixa etária dos 31-40 anos discordaram da questão 1.

3. Escolaridade

De um modo geral, observou-se que o nível de escolaridade não influenciou na tendência das respostas dos inquiridos de todas as categorias analisadas em relação às percepções de

viver do lixo. Um exemplo claro é o caso dos estudantes universitários e dos inquiridos sem nenhum nível de escolaridade, que mostraram não ter uma opinião formada. Apesar de acharem que os lixeiros não são culpados da sua condição, eles também não pensam que o mal deva ser imputado à sociedade.

4. Rendimentos

Analisando as categorias de actores através da variável *rendimentos*, observou-se que os níveis de discordância são mais acentuados do que os de concordância, com excepção, apenas, do grupo dos 230.000 - 500.000,00 Mt na questão 3.

Constatou-se, também, que os inquiridos que declararam possuir baixos rendimentos salariais e aqueles que declararam tê-los acima de 1.000.000,00 Mt, são os que não possuem uma opinião formada em relação à questão 3. Entretanto, os que declararam pertencer ao grupo dos 230 - 500.000,00 Mt foram os que mais concordaram com essa questão (52%).

O grupo que auferê menos de 230.000,00 Mt discordou por completo da questão 1.

5. Informação

No conjunto das três questões sobre viver do lixo, a questão 3 foi a que suscitou mais concordância, sendo os inquiridos com mais acesso aos meios de informação (livro, revista, televisão e jornal) os que mais concordaram (52%). As questões 1 e 2 foram as que tiveram índices bastante elevados de discordância por parte dos inquiridos sem acesso aos meios de informação e por parte daqueles com acesso aos meios de informação (100% e 81%, respectivamente).

Observemos, entretanto, os dados concernentes à causalidade e ao determinismo.

1. Sexo

Mais de 50% dos inquiridos de ambos sexos concordaram mais com a questão 8, tendo os homens manifestado uma opinião mais forte do que as mulheres (70%).

Verificou-se ser maior a crença em Deus do que dos espíritos, principalmente por parte dos homens.

Em contrapartida, foi na questão 5 que os inquiridos mais discordaram (80% em ambos sexos).

A questão 6 registou o índice mais elevado de discordância por parte dos inquiridos do sexo feminino (cerca de 90%), com os homens abaixo dos 50%.

Os homens manifestaram mais conformismo em relação ao estado de coisas, comparativamente às mulheres.

A questão 9 foi marcada por elevados índices de dúvida e de abstenção, tendo os homens manifestando mais dúvidas do que as mulheres (37%) e estas mais abstenções do que aqueles (40%).

2. Idade

Em relação à variável idade, constatou-se que os inquiridos com mais de 51 anos foram os que tiveram índices mais elevados de concordância, com maior destaque para a questão 8 (80%).

Os inquiridos da faixa etária dos 18-30 anos tiveram índices de discordância bastante acentuados, com destaque para a questão 5 (cerca de 94%).

Curiosamente, os inquiridos da faixa etária dos 41-50 anos mostraram-se bastante cépticos em relação a determinadas

questões. Por exemplo, estes apresentaram índices significativamente elevados de dúvidas e de abstenção nas questões 4, 6 e 9 (50%).

3. Escolaridade

Os inquiridos sem escolaridade foram os que mais concordaram, com principal destaque para as questões 4 e 8 (100%).

Os estudantes universitários foram os que mais discordaram nas questões 5 (100%), 6 e 7 (90%).

A questão 9 foi a que suscitou mais dúvidas entre os inquiridos, tendo-se acentuado nos de nível secundário completo com 60%. Mas esta questão foi a que mais abstenção provocou, principalmente nos inquiridos que afirmaram ter o primário completo 60%.

4. Rendimentos

Os inquiridos que afirmaram auferir entre 230.000 - 500.000,00 Mt apresentaram índices mais elevados de concordância, principalmente nas questões 4 e 8 (52% e 76%, respectivamente).

Em contrapartida, os inquiridos com baixos rendimentos (menos de 230.000,00 Mt) e os que afirmaram receber acima de 1.000.000,00 Mt foram os que mais discordaram, principalmente na questão 5 (100%). Este grupo também obteve os índices mais elevados de dúvida e de abstenção.

Nos inquiridos com baixos rendimentos a questão 9 foi a que suscitou mais dúvidas, enquanto que para os inquiridos que auferem acima de 1.000.000,00 Mt foi a questão 4 (63%).

A questão 9 foi a que suscitou maiores índices de abstenção, especialmente nos que afirmaram ter rendimentos acima de 1.000.000,00 Mt (50%).

5. Informação

A questão 4 foi aquela obteve maior concordância por parte dos inquiridos sem acesso aos meios de informação (100%).

Os inquiridos com acesso aos meios de informação (jornal, revista, livro e televisão) foram os que mais discordaram na questão 5 (95%).

Tentemos, agora, a análise comparativa dos dados.

Verifica-se, no geral, uma clara relação entre a condição de recolhedor de lixo e a sociedade na qual estão integrados. Os lixeiros têm a percepção de que a sociedade é responsável da sua condição. Isto pode ser melhor comprovado pela concordância com a afirmação *É a sociedade que é culpada dessa situação* e pela discordância na afirmação *São os recolhedores lixo que são culpados da sua situação*.

Apesar de atribuírem a forças externas (Deus, espíritos e sociedade) o seu destino, os *lixeiros* acreditam nas mudanças que podem ocorrer por causas objectivas. Mas esta crença não significa, necessariamente, que se concretize.

No que diz respeito à esfera de actuação individual, ficou claro que há uma grande consciência da condição social actual, dos recursos disponíveis ou alternativos, das suas limitações - e por isso, dos espaços por onde podem transitar. Mas, também, há evidências de motivações para mudar, isto é, para arranjam um outro emprego, fora das lixeiras.

A quase total discordância com a afirmação *apanhar lixo é a mesma coisa que trabalhar numa fábrica* pode ser melhor compreendida quando analisamos as histórias de vida colectivas e individuais e percebemos que as trajectórias mostram que muitos dos lixeiros já tiveram outras experiências de trabalho, tendo muitos deles trabalhado em empresas.

Mas apesar de existir uma predisposição para mudanças, há também uma forte dependência das condições de vida, de factores de natureza extra-económica, de tipo aleatório ou sobre-humano: sorte, Deus e espíritos. É em torno das crenças religiosas que gravita e ganha sentido a vida das pessoas. Mas a influência de uma vida baseada na lógica racional coloca, simultaneamente, as pessoas confrontadas com uma dupla realidade: a tradicional e a moderna. É ao nível da modernidade que percebemos o sentido e a necessidade de mudança, de espírito competitivo.

A análise comparativa dos dados estatísticos mostrou existir uma relação entre a concepção de vida dos lixeiros e a sua condição social. Há um princípio da “dívida” - a Deus e aos espíritos – em relação ao que um indivíduo pode ser na vida. Esse princípio parece determinar subjectivamente a condição social, incluindo a possibilidade de mudança de vida.

5.8. Histórias de vida

As entrevistas mostram um recuo temporal na memória de 3 a 5 anos. Recuo, mas também mudanças, em estreita relação com as mudanças sociais ocorridas em Moçambique.

Perda e falta de emprego são os fenómenos que mais atormentam os lixeiros. Com o desemprego¹⁶ vieram também alterações profundas na vida das pessoas.

É exactamente por isso que a lixeira do Hulene surge como alternativa.

1. Juliasse

Nasceu há 35 anos em Manjacaze, província de Gaza, é casado e pai de 4 filhos.

Em 1980 foi recrutado para o Serviço Militar Obrigatório (SMO), tendo servido na província de Cabo Delgado, no distrito de Montepuez. Com promessa de cumprir a missão em 2 anos, Juliasse acabou por cumprir o serviço em 7 anos ou seja, entre 1980 e 1987.

De 1988 a 1997 Juliasse tentou trabalhar em Xai-Xai e, tempos depois, em Marracuene, onde abriu uma barraca, mas o negócio fracassou.

Resolveu então tentar a sua sorte na África do sul, onde esteve durante um ano e seis meses. Juliasse não falou da actividade aí desenvolvida, mas contou que cedo foi repatriado por estar em situação ilegal (não tinha passaporte).

Após ter regressado à Moçambique, desempregado e com família para sustentar, Juliasse disse que se viu obrigado a trabalhar na lixeira do Hulene, recolhendo alumínio, garrafas, etc.

“Tiraram-me da escola em 1980, puseram-me na tropa, aquilo era para cumprir 24 meses, conforme na lei do SMO. Vinte e quatro meses depois saí, mas fiquei lá sentado. Sou desmobilizado, chego em casa, não há emprego, e não continuei com os meus estudos. Estou assim...”

Tentei trabalhar dentro do país mas vejo que não resolve nada. No fim do mês esta vida é muito cara. Vamos ver: 1Kg de arroz por quanto é que eu vou comprar?! Tentei entrar no país vizinho, lá fiquei 1 ano e 6 meses, mas como fui sem passaporte e não tinha BI [bilhete de identidade], de lá também capturaram-me e devolveram-me ao país, e estou aqui na lixeira. Isto aqui não é futuro, está a adiantar a vida de um homem. (...) estamos a fazer isso porque não há emprego no país, posso dizer assim...Porque nem mesmo para os senhores, que talvez ao acabar os estudos, podem talvez estar em casa ou talvez vir-se a tornar como a mim que estou aqui. Estudaram, mas não há colocação” (Juliasse).

2. Maria

É natural de Maputo, tem 28 anos, é casada e mãe de três filhos.

Maria apanha pedras, na lixeira de Hulene, para vender. A sua vida nem sempre foi essa, ela passou a apanhar pedras para vender para poder ajudar o marido nas despesas da casa.

O marido está desempregado, ele trabalhava numa empresa estatal mas perdeu o emprego em 1992 e desde então não conseguiu arranjar outro. Tem feito pequenos biscates, aluga um *txova* para carregar produtos de pessoas mas nem sempre consegue clientes. Como paga quinze mil meticais pelo aluguer do *txova*, não consegue ter lucros com o negócio.

Ela -contou-nos- não sabia que existiam pessoas que viviam do lixo. Teve o primeiro contacto com essa realidade em 1998, quando o filho mais velho havia desaparecido de casa e ela o foi encontrar na lixeira.

Foi então que se decidiu também a frequentá-la, dado o pouco que o marido trazia para casa, vasculhando o que pudesse vender. Ela começou primeiro por apanhar ferro em 1998, o ferro tem vindo a escassear e por isso começou a apanhar pedras.

3. Machava

Tem 28 anos de idade, é natural de Maputo, residente no Hulene “B” e tem a 4.^a classe.

Vive do lixo há 2 anos. Foi para a lixeira por falta de emprego. Embora não gostando do trabalho que faz, julga que é uma forma digna de ganhar a vida. É casado maritalmente,

tem 3 filhos dos quais 2 estão em idade escolar, mas não frequenta a escola por falta de meios financeiros.

4. Faustino

Tem 25 anos, é natural do distrito de Manjacaze, província de Gaza.

Vive no Jardim dos Namorados desde Agosto de 1998. Quando saiu de Manjacaze e tentou ir para a África do Sul, foi capturado e repatriado, fixando-se, então, nesse jardim.

A família sabe que o Faustino vive algures em Maputo. Ele afirmou querer regressar a casa logo que arranjar dinheiro. Vive essencialmente do lixo:

“Apanho garrafas para vender e vendo-as no mercado Xiquelene, apanho comida, gorduras para fazer caril”.

No entanto, não considera o negócio de venda de garrafas como sendo trabalho:

“(...) preferia arranjar emprego(...), não sei se são os espíritos que estão a dificultar (...), minha família se descobre como eu vivo, vai ficar zangada”.

Com o dinheiro que ganha na venda de garrafas *“compro tomate, peixe e farinha, também compro roupa”.*

Já tentou arranjar emprego, mas sem êxito. Para além de apanhar lixo na Avenida Friedrich Engels, apanha-o também no bairro do Alto-Maé e nos prédios da Ponta Vermelha.

Faustino não gosta de recolher lixo e não perde as esperanças de um dia arranjar um emprego. Para ele a sorte é a principal responsável pelo sucesso ou pelo bem-estar das pessoas: *“Não gosto desta vida, mas também não sinto revolta em relação s pessoas que vivem bem, penso que eles vivem bem porque têm sorte”.*

5. Constantino e o grupo do *mugorodo* do Jardim dos Namorados

Tem 18 anos, é natural da cidade da Beira, antigo morador do bairro da Ponta-Gea até 1991, filho de pais separados e o mais novo de 4 irmãos. Possui apenas a frequência de 8ª. classe.

O pai vive em Xai-Xai e a mãe, que vive na cidade da Beira, é funcionária de uma ONG. Constantino viveu em Xai-Xai com o pai e uma avó.

Relembrou a mãe, o pai e a avó paterna a quem deve, em última instância - disse-nos -, o abandono da casa, a ida para o mundo da rua e, mais tarde, para a lixeira. Em ambos os mundos, aprendeu a viver ao relento, do lixo, das ajudas ocasionais das agências humanitárias e de algumas pessoas. Mas aprendeu, também, a ter saudades da casa e da família, espaços para onde convergem, em parte, as suas expectativas quanto ao futuro.

Trabalhou como empregado doméstico no bairro de Malhangalene, mas foi preso durante 6 meses por ter sido acusado de roubo na casa do patrão. Após a pena, Constantino passou a viver do lixo.

Hoje Constantino vive num dos *mugorodos* do jardim, na companhia de aproximadamente 15 amigos. Sobrevive com a venda de garrafas da qual diz facturar por dia cerca de 20.000,00 Mt.

De manhã, os membros do *mugorodo* do Jardim dos Namorados sai para recolher lixo ou para vendê-lo no mercado de Xipamanine. As receitas diárias da venda dos produtos são basicamente destinadas à compra de comida, de bebidas alcoólicas e, em algumas situações, para a compra de estupefacientes. A instabilidade sócio-económica e espacial caracteriza o dia-a-dia dos actores do Jardim.

Longe do lar e da família, sujeitam-se à carências materiais e afectivas, vivem em permanente tensão com a polícia e na expectativa de um dia reverem a família.

“A gente gostaria de viver de maneira como os outros residentes vivem. Nós não gostamos de viver e levar esta vida. Olha, eu tenho mulher, filhos e uma casa, que está transformada apenas num só terreno porque a minha mulher abandonou-me e foi-se juntar ao um outro homem. Até me proíbe de ver os meus filhos. Fui para Costa do Sol várias vezes, mas em vão. As mulheres daqui são perigosas. Ela até sensibilizou os vizinhos dela e quando me vêem são apuros. Dizem que quero roubar os meus filhos. Isso me magoa bastante” (Raul, desmobilizado de guerra).

No Jardim e, mesmo, na Avenida Friedrich Engels podem contar com solidariedades ocasionais por parte de alguns moradores e guardas no fornecimento de água, de comida ou de produtos como roupas e sapatos velhos.

Nem todos vivem permanentemente no mugorodo do Jardim (lá encontrámos um casal). Há quem se ausente por 2, 3 dias. O conflito, seguido de agressão, permeia por vezes as relações dos habitantes do mugorodo do Jardim devido à disputa do lixo, conflitos que são muitas vezes estimulados pela embriaguez ou pela droga.

A degradação humana dos jovens (na grande maioria) do Jardim parece encontrar correspondência na degradação do próprio jardim. Disse-nos um: *“(...) fumamos para esquecer os problemas que temos, não para fazer confusão”*.

Há fome, faz falta a família, escasseia a protecção e o carinho.

Troncos e paredes do jardim e dos mugorodos ostentam escritos e perfurações que falam de guerra, amor, distância, ídolos, droga, sexo, revolta e rebeldia. Por exemplo: *Beira, Scorpions, John Bon Jovi, Tchechenia*, etc.

Scorpions significa sofrimento: “(...) *este nosso sofrimento que estamos a levar de cozinhar nas latas, de viver nos contentores...*” (Constantino, 20 anos).

Ao falarem do seu sofrimento, não somente revelam a sua maneira de viver como, também, estabelecem possibilidades, limites e diferenças entre “eles” e “nós”. Depois de nos convidarem a partilhar uma refeição com eles:

“Não hão-de ter coragem de comer, cozinhamos na lata e é de outra maneira (...) Nós comemos de uma maneira diferente de vocês, é um mixe; muita mistura...A maneira de viver, de vestir é muito diferente porque nós andamos mal, sujos... Nós somos muito diferentes de vocês” (Constantino, 20 anos).

Os acontecimentos que tiveram lugar na vida de muitos actores permitem-nos ter, por outro lado, a verdadeira dimensão da realidade dos problemas que muitos, como Juliasse, enfrentaram e ainda enfrentam. As lembranças de Juliasse são, a esse respeito, exemplares. Ele recorda-se do tempo em que como militar se sentia socialmente útil à pátria, que estava disposto a dar a vida por ela. Finda a guerra, eis que este foi abandonado por quem defendeu.

No tocante a Maria, um duro golpe foi decisivo para a sua ida para a lixeira: a perda de emprego do marido e o desaparecimento do filho de casa, ingressado no “informal”, situação corrente em Moçambique.

Faustino, Constantino, Noé e muitos outros aqui não referenciados, são, afinal, parte de uma “geração perdida”. Nascidos num país em guerra, assolados pela fome, pelo desemprego e pela pobreza absoluta, vivem hoje os efeitos dramáticos da crise social e económica generalizada. O jovem Noé, que nasceu e cresceu nas periferias da cidade de Maputo, que nunca teve acesso à educação formal e ao emprego, é, a

esse respeito, exemplar. Dos três filhos que possui, dois, em idade escolar, vivem o mesmo drama.

5.9. Imprensa escrita

Alguns jornais procuram descrever o drama de centenas de pessoas pobres que fazem do lixo a sua principal ou única fonte de sobrevivência. Analisando as notícias, verifica-se que todas convergem para um mesmo tipo de causas: desemprego, fome e pobreza.

Em “Vida e Mulher” (Junho, 1999), por exemplo, procura-se mostrar, por um lado, como se desenrola a luta pela sobrevivência dos lixeiros, com as tensões e os conflitos decorrentes da luta pelo “melhor” lixo; e, por outro, como essa luta entronca informalmente nos circuitos comerciais de Maputo.

A proveniência das viaturas com lixo é um dos fenómenos mais importantes na vida dos lixeiros. Por exemplo, são mais procuradas e disputadas as viaturas provenientes de restaurantes, mercados, hotéis e dos bairros Sommersfield, Polana e Alto-Maé. É comum os condutores serem alvo de sevícias caso não tragam lixo “bom”, rentável, com o qual os recolhedores de lixo possam manter o seu negócio, designadamente com proprietários de pequenas empresas de fundição (no caso de produtos metálicos) e mercados informais (venda de garrafas, plásticos, pedras, etc.).

No Jornal “Imparcial” (dia 13/9/99), o trabalho com o título “*Lixeira [de Hulene] alimenta centenas de pessoas em Maputo*” descreve situações iguais às por nós relatadas. Crianças, mulheres e idosos são descritos com toda a nudez.

Os jornais revelam, assim, os detalhes de um enorme mundo de exclusão social e de crueldade, no qual a pobreza é diariamente construída e reproduzida.

6. Vizinhos da lixeira do Hulene, guardas e actores humanitários

As representações que os vizinhos da Lixeira do Hulene têm dos lixeiros estão carregadas de estereótipos.

Com efeito, os lixeiros são considerados vadios, *moluenes*, malucos, bandidos, ladrões, etc. O medo desta desqualificação é, possivelmente, um factor de peso a impulsionar os lixeiros na busca de um trabalho socialmente reconhecido como "normal". Por isso consideram transitório o trabalho na lixeira: *"É preferível estar aqui a se divertir; não tenho emprego, o que se quer é só trabalhar"* - afirmou um jovem, que disse temer a acusação de "não fazer nada" ("divertir", termo corrente na lixeira, significa estado transitório).

Em caso de roubo na vizinhança, os habitantes da lixeira são os alvos preferenciais.

Os trabalhadores do Conselho Municipal que trabalham na manutenção do Jardim dos Namorados (ou Jardim do Paraíso) referem actos de vandalismo praticados pelos "moradores" dos *mugorodos*. Dizem que há uma luta entre eles e os *moluenes* pelo espaço.

Malucos, *moluenes*, infantis, alterados ou frustrados, são alguns termos através dos quais os lixeiros são representados no imaginário social de alguns guardas das casas, prédios ou apartamentos da Avenida Friedrich Engels.

Moluenes é porém, o termo mais generalizado: eles *"são pessoas que não têm casa, que não valem nada... Alguns abandonam a casa e vêem fazer esta brincadeira"* (Guarda há 5 anos, 2ª. classe).

A consciência de uma sociedade cada vez mais dividida e estratificada, baseada em critérios económicos de rápida e

estreita mobilidade vertical, coloca os guardas numa situação de insegurança em relação ao futuro e leva-os à produção de estereótipos do género acima exemplificado.

Ser recolhedor de lixo é o risco sombrio que os espreita.

“Um dia também posso ser como eles. A vida está pesada. Um dia o patrão me manda embora ...” (Guarda, a 5 anos, 2ª. classe).

Como escreveu Berger (BERGER, 1976:76), a posição social do indivíduo "o informa aquilo que ele pode fazer e o que pode esperar da vida (...) Estar localizado na sociedade significa estar no ponto de intercessão de forças sociais específicas. Geralmente quem ignora essas forças age com risco. A pessoa age em sociedade dentro de sistemas cuidadosamente definidos de poder e prestígio. E depois que aprende sua localização passa também a saber que não pode fazer muita coisa para mudar essa situação”.

Como afirmou Juliasso (35 anos, ex-soldado desmobilizado, lixeira de Hulene): *“Nós estamos a aprender uma nova arte em Moçambique...”*¹⁷.

Enquanto categorias sociais excluídas, os lixeiros vivem a arte da sobrevivência, da esperteza e da criatividade necessárias para descobrir novas formas e fontes de sobrevivência, num mundo cruel. E porque cruel, este mundo leva-os, também, às igrejas.

Eles reinventam a realidade todos os dias.

É assim que o trabalho na lixeira é também encarado como um “divertimento”. O útil se junta ao agradável e percebe-se uma concepção plural de trabalho.

Tanto desprezam o seu sofrimento quanto se riem dele e do lixo que recolhem:

“Nos alimentamos dos vômitos dos brancos”(Juiz Mungane, 23 anos).

Olham com ironia a sociedade na qual vivem, mas reconhecem, também, a situação de inferioridade em que se encontram comparados com os "outros", com os "normais".

Se se tiver em conta a "privação relativa"¹⁸, os lixeiros têm como principal referência de bem-estar pessoas ligadas ao Poder, ao Estado, no que concerne ao bem-estar. Mas essa referência faz-se com um misto de ciúme e conformismo, remetendo-se a desigualdade social para a responsabilidade da "sorte" ou de Deus.

"Assim é bom, viver bem. Eles têm sorte" ou, ainda, "(...) não podemos ter inveja..."

"Eu pra mim, acho normal, quer dizer bem para ele. É Deus também que fez aquilo com que eles estivessem assim, por isso, não posso ver, estranhar a eles, odiar ou outra coisa...". (Inocente, 19 anos).

"Eles têm sorte, não precisam apanhar lixo, têm emprego..." (Henrique Sitói, 23 anos).

A ambiguidade referida não esconde a consciência aguda de que ser-se excluído é ser-se aproveitado ou explorado por actores do Estado, da Câmara Municipal, da Saúde e, até, das universidades:

"E o senhor assim limpo, o que anda a fazer aqui? Deixem-nos em paz. Aqui já vieram mais de 300 pessoas fazer entrevistas. A gente não vê nenhuma melhoria. Para que servem estas entrevistas afinal? Vocês ganham muito dinheiro à nossa custa. Isto tem que acabar. Se não nos dão dinheiro, a gente não fala" (Noé, 28 anos).

Como afirma Hoggart (1973: 87 e 89) "a noção de grupo é reforçada pelo isolamento em que o grupo se mantém, pela concepção de que o mundo se divide em "Nós" (os membros do grupo) e "Eles" (os que estão "de fora") e que é comum nos membros das classes sociais pobres "desconfiarem do mundo

exterior, que se lhes afigura pouco acolhedor, que tem todas as vantagens do seu lado e que é impossível defrontar sem ajuda. Esse mundo pode ser designado como o mundo “Deles”... [que] é o mundo dos patrões. Sejam eles entidades privadas ou, como é hoje geralmente o caso, funcionários públicos”. É portanto, na noção da diferença, que reside a identidade do grupo.

Na verdade, em sociedades diferenciadas nas suas condições sociais, os actores excluídos normalmente acabam criando laços de identidade também diferenciados em relação aos demais membros, supostos estarem numa situação social avantajada. Entretanto, igrejas e instituições de ajuda humanitária têm jogado um papel fundamental na emergência daquilo que poderíamos chamar, em relação aos sectores excluídos, *sociedades paralelas ou alternativas*, com padrões de vida e de identidades próprios.

Ainda que os "Outros" sejam encarados com reserva, alguns deles acabam por penetrar no mundo da lixeira e ser aceites.

Assim, semanalmente, às sextas-feiras, membros de associações humanitárias vão ao Hulene auxiliar os lixeiros e os moradores dos bairros circunvizinhos. Aos sábados e domingos, um camião, no mesmo local, transporta centenas dessas pessoas para os cultos religiosos.

Os actores dessa ajuda são respeitados e possivelmente contribuem para apaziguar tensões e conflitos.

7. Lei do silêncio

Os lixeiros salvaguardam o seu mundo e a sua identidade através de uma espécie de "lei do silêncio".

“Ela [a namorada] não sabe, tenho vergonha de dizer [onde mora]... Quando vou ter com ela ponho outra roupa. Ela também não sabe que eu apanho lixo para vender” (Faustino, 25 anos).

Os lixeiros que estão na condição de “meninos da rua” são os que mais enfrentam o problema do regresso ao “normal”.

Para além de fugirem da polícia, escondem-se também da família: *“Minha família se descobre como eu vivo, vai ficar zangada...”* (idem).

Mas a camuflagem identitária é, afinal, generalizada: *“...se eu contar para eles [que é recolhedor de lixo] podem não querer falar comigo; vão deixar de brincar comigo”* (Henrique Sitói, 23 anos).

8. Expectativas quanto ao futuro

Nos bairros urbanos pobres, a actividade informal é um mecanismo de sobrevivência. É nessa perspectiva que se configura a lixeira.

Cada recolhedor de lixo quer, um dia, mudar de vida.

8.1. Recolhedores de lixo do Hulene

As expectativas dos lixeiros quanto ao futuro relacionam-se com mudanças estruturais da economia de Moçambique e com políticas mais eficazes de criação de postos de trabalho.

Ter emprego, dinheiro e casa são como grandes conquistas e alvos da vida. *“Tenho que mudar essa vida”, “Tenho que arranjar emprego...”* ou, ainda, *“Eu não posso voltar atrás...”* - são frases correntes por nós escutadas.

Fenómeno capital, os nossos entrevistados não falaram de assimetrias sociais ou de diferenças sociais entre os Moçam-

bicanos mas do desejo e da possibilidade de alcançarem níveis de vida similares.

Disse-nos um recolhedor de lixo a propósito:

“Eu gostaria, não é, de ter assim... uma boa vida, estar também bem, como eles. Arranjar trabalho, ter a minha casa para ajudar também minha família....”

Um outro:

“Para mim, penso que a minha vida, bem, eu quero pelo menos, ter um bom emprego.”

A consciência de que a vida na lixeira é cruel e provisória:

“Isto aqui não é futuro, está a atrasar a vida de um Homem”.

O mundo da lixeira é patológico. De facto, há muitos indícios de problemas como tosse, tuberculose, malária, dor de cabeça, etc.

Estão no sofrimento, depois de terem partido dele:

“A família posso dizer assim, ali o sofrimento... não havia dinheiro nê. Por exemplo, eu deixei de estudar, quando já eu entrei na escola, já era preciso dinheiro para comprar caderno, era preciso mas depois já tornou-se difícil pra mim....minha mãe, minha irmã... meu pai nada, faleceu há muito tempo, eu era ainda novo. Ela [a mãe] já é velha, trabalhava na machamba, mas agora já só está aqui, lá sentada.” (Inocente, 19 anos).

Desejam estudar:

“Não apanhamos emprego porque não estudamos. Por isso, precisamos de fazer isso para termos uma boa vida” (Noé, 28 anos).

Compreende-se, assim, por que muitos enveredam pela droga, pela violência e pelo crime.

Expectativas existem também em relação ao futuro da lixeira. De acordo com alguns moradores e com o guarda,

existem planos para transferir a lixeira para um lugar distante e por isso os recolhedores se interrogam quanto ao futuro.

8.2. Recolhedores de lixo da Avenida Friedrich Engels

Uma das características de se ser “menino de rua” é a ausência de uma família, de uma lar, de uma casa.

Ele está sempre frustrado.

“Eu gostaria de viver bem. Sonho com tudo que um jovem da minha idade ambiciona. Gostaria de um ter mulher e família; ser um bom chefe de família” (Lucas, 20 anos).

Alguns jovens manifestaram medo de voltar a casa, pois lá - disseram - iriam enfrentar e viver de perto as dificuldades de família. Voltar para casa significa voltar à fome, à pobreza, há todos os motivos que os levam a se evadirem da casa e da família.

Eis, assim, a ambivalência desses jovens.

Se a família e a casa próprias aparecem como primordiais na sua condição de “meninos da rua” que são, o emprego é-lo enquanto lixeiros.

O mundo dos recolhedores de lixo é a rua.

9. Conclusões

Tomando em conta os lixeiros - cerne da nossa pesquisa -, recordemos que 90% deles acreditam que *Deus comanda a nossa vida*, que 70% acreditam que *os espíritos comandam a nossa vida* e, finalmente, que 60% acham que *mesmo que se lute sempre se perde*. Os resultados percentuais são, nesta categoria social, bem mais elevados dos que os obtidos nas outras três categorias. O que é compreensível.

Por um lado, a forte transferência feita para entidades sobre-humanas do destino ou da capacidade humana para mudar a vida tem muito a ver com a natureza aleatória e incerta do trabalho executado.

Por outro lado, é visível o grande potencial de descrença em relação às vantagens sociais da luta por uma vida melhor. Também aqui a natureza do trabalho executado parece determinar as percepções.

Essa mesma natureza pode, também, explicar a pouca confiança feita aos actores políticos, que não se preocupam com eles e, por isso, não os procuram.

Contudo, as coisas não podem ser vistas de forma unívoca.

Existe, também, crença no trabalho como uma força motriz, no presente como espaço de luta e no futuro como uma possibilidade da auto-realização. Na verdade, 70% dos recolhedores de lixo discordam de que *os seres humanos não podem mudar a vida* e 20% tem dúvidas sobre se *não vale a pena lutar: cada um tem o lugar que merece*.

Existem, também, expectativas quanto ao futuro, caracterizadas pelo desejo de melhorar a vida e abandonar a recolha de lixo.

As razões que levam os lixeiros a acreditarem que *os recolhedores de lixo esperam um dia arranjar um outro emprego* (70% de concordância) e que *os seres humanos podem mudar de vida* (ainda que, aqui, com 20% de dúvidas), tem muito a ver, em nosso entender, com um capital de optimismo não aniquilado pela condição social actual.

Portanto, se por um lado se transfere para entidades sobre-humanas a chave da mudança, por outro lado acredita-se nessa mudança. Isto nada tem a ver, em nosso entender, com uma contradição. Ou, melhor, a contradição é, afinal, inerente

à condição social de recolhedor de lixo. Na verdade, também aqui a ambivalência tem muito a ver com a ambivalência da vida levada pelos lixeiros, para quem cada dia é um ponto de interrogação.

Mas, por outro lado, deve ser realçado o facto de que os actores consideram que apanhar lixo é um trabalho, o qual consideram superior ao roubo ou à mendicidade. Isto revela a sua dignidade.

A pesquisa mostrou que existe, na realidade, uma concepção *mista*, ambivalente e contraditória do mundo e da vida nos lixeiros.

Ao mesmo tempo que atribuem um sentido de “dífida” e acreditam na predestinação da sua condição social, os lixeiros fazem também alguma fé no futuro, marcado por mudanças e transformações do próprio homem e das suas relações sociais.

Digamos, a terminar, que foi para nós, pesquisadores, um privilégio penetrar nos meandros da vida de pessoas que vivem na periferia do nosso bem-estar e, dessa forma, esforçarmo-nos por evitar que a sua condição seja *naturalizada*.

10. Bibliografia

- ALVIM**, Rosilene. Meninos de Rua: usos e abusos de uma categoria. In *Candelária 93: um caso limite da violência social*. Rio de Janeiro: NEPI/LPS/IFICS/UFRJ, 1993
- BERGER**, Peter. *Perspectivas Sociológicas - Uma visão Humanística*. São Paulo: Editora Vozes, 1976
- BETHENCOURT**, Luisa. Lo Cotidiano de la Sobrevivencia: organizaci3n dom3stica y rol de la mujer. In *Sobrevivir en la Pobreza: el Fin de una Ilusi3n*. Ed. Nueva Sociedad: 1992.
- GAUCHET**, Marcel. A d3vida do sentido e as ra3zes do Estado - Pol3tica da religi3o Primitiva. In *Guerra, religi3o e poder*. S3o Paulo: Perspectivas do Homem/Edi33es 70/Livraria Martins Fontes, 1980
- GOFFMAN**, Erving. *Estigma - Notas sobre a Manipula33o da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988
- _____ *A Representa33o do Eu na vida cotidiana* Petr3polis: Ed. Vozes, 1975
- GIDDENS**, Antony. *Sociologia*. Lisboa: Ed. Funda33o Calouste Gulbenkian, 1997
- HOGGART**, Richard. *As Utiliza33es da Cultura*. Lisboa: Ed. Presen3a, 1973.
- LIBOMBO**, Paula. *Tratamento estat3stico da pesquisa-teste/ Exclus3o social em Maputo*. Maputo: CEA/UEM, Novembro de 1999 (n3o impresso)
- SARACENO**, Chiara. *Sociologia da Fam3lia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

SERRA, Carlos. Pesquisa-teste/ Exclusão social em Maputo.
In *Projecto Sociedade Civil Precarizada em Moçambique*. Maputo: CEA/UEM, Setembro de 1999
(não impresso).

JORNAIS/REVISTAS:

- Imparcial. Maputo, 13/9/1999.

- Domingo. Maputo, 3/10/1999.

Revista: "Mulher e Vida". Maputo, Junho de 1999.

LIXEIROS DA CIDADE DE MAPUTO

¹Canguilhem, Georges, *Le normal et le pathologique*. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1998, 7e édition, p.176.

²*idem*.

³Como exemplarmente mostrou Foucault - veja Foucault, Michel, *Surveiller et punir, Naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975, pp.226-229, 311-312.

⁴Canguilhem, Georges, *Le normal...*, op.cit., p.76.

⁵Veja, a propósito, Mouralis, Bernard, *L'Europe, l'Afrique et la folie*. Paris: Présence Africaine, 1993, *passim*.

⁶Becker, Howard S., *Outsiders...*, op.cit., p.213.

⁷Colaço, João Carlos, Mentalidade "chapa 100" na cidade de Maputo, in Serra, Carlos (ed.), *Estudos Moçambicanos...*, op.cit., pp.9-68.

⁸Colaço, João Carlos, Tradição e modernidade nas barracas do Museu em Maputo, in Serra, Carlos (Direcção de), *Conflito e mestiçagem*. Maputo: Livraria Universitária, 2000, pp.145-187.

⁹O enquadramento aqui apresentado pertence a Carlos Serra.

¹⁰Houve necessidade de acréscimo de mais um estímulo na variável acesso a meios de comunicação referente ao acesso a "nenhum meio de comunicação" correspondente ao item 33. Por outro lado, foi colocado por defeito para a variável rendimentos o item 25- Menos de 230.000,00 Mt (para todos os que não haviam escolhido algum rendimento). Sendo assim, deve-se entender que este rendimento inclui actores sem rendimento algum. Finalmente, na variável de estudo de rendimentos, verifica-se uma falha no questionário, nomeadamente por não existir um item para os rendimentos entre 500.000,00 Mt e 1.000.000,00 Mt, o que poderá alterar de certa forma os resultados obtidos.

¹¹Esta concepção será melhor compreendida mais à frente, no ponto sobre as suas expectativas em relação ao futuro.

¹²Ao perderem os seus postos de trabalho, os antigos operários viram os encargos anteriormente suportados pelas antigas empresas estatais passar à responsabilidade das famílias. Esta situação produz um efeito multiplicador

em relação aos membros dos agregados familiares que passam, igualmente, a serem novos produtores da renda familiar, como as mulheres e as crianças, que se vêm obrigadas a ingressar no mercado informal de trabalho.

¹⁴As crianças contribuem, assim, para a sobrevivência dos agregados familiares num mundo onde a pobreza é reproduzida diariamente.

¹⁵Isto deve-se ao facto aparente de este grupo etário estar melhor representado na lixeira.

¹⁶Nos dias de trabalho encontrámos especialmente mulheres, donas de casa, pessoas que mais tempo estão em casa cuidando dos afazeres domésticos.

¹⁷Para não sobrecarregar a exposição, decidimos não analisar aqui os resultados de algumas variáveis, como, por exemplo, a origem regional dos actores.

¹⁸O desemprego pode minar a confiança dos indivíduos no futuro e no seu valor social. Vejamos que “para a maioria das pessoas, desemprego não é uma condição feliz. Estar sem emprego (...) e sem recursos para levar uma vida satisfatória, provoca dificuldades psicológicas e materiais (...). A experiência do desemprego pode ser muito perturbadora para os que se habituaram a ter empregos seguros. A consequência mais imediata é obviamente a perda de rendimentos” (Giddens, 1997: 601-603).

¹⁹Refere-se à apanha de lixo.

²⁰A teoria da “privação relativa” pressupõe que os indivíduos que comparam sua situação com a de outros possuem algum conhecimento sobre estes (R. Merton, 1969: 102). A privação relativa é normalmente sentida mais pelos pobres e/ou pelos indivíduos pertencentes a estratos sócio-económicos mais “baixos”, em zonas periféricas ou rurais.